

VISÃO EM FRAGMENTOS

A relação entre a pintura e a parede é clássica: a arte moderna acabou com a ideia do quadro como janela (no muro) e o trouxe para a superfície do suporte: tendente a ser um objeto em si mesmo, ele se diferenciou da parede em sentido oposto, vindo na direção do olho, em vez de ir na direção contrária a fuga para o horizonte suposta pelo sistema de perspectiva.

Em qualquer dos dois sentidos, a parede continuou sendo plano de referência. Mario Fraga, um artista plástico que se defrontou com esse problema, resolveu-o simplesmente tirando o quadro da parede e pendurando-o, solto no espaço, no meio do ambiente. As 11 pinturas que ele está expondo na individual Eclipse, na Petite Galerie (rua Barão da Torre,220) mostram o caminho que ele tomou para chegar a sua solução.

A ideia parece ter agradado ao público comprador, e não somente a quem se dedica a pensar problemas abstratos: em semana de exposição, nove das 11 pinturas foram vendidas (preço: CZ\$ 150 mil).

A estratégia de Mario envolveu mais do que a simples separação entre a parede e a pintura. Ao fazê-lo ele defrontou com as duas faces do suporte e, o que antes era verso e reverso, passou a exhibir dois versos. A própria maneira de montar as pinturas sugeriu um novo problema: coladas sobre vidro, o artista joga com o lado fosco e o lado brilhante que as pinturas adquirem através da placa. Por último, a pintura em si: manchas escuras, pinceladas rápidas e superficiais, tendendo ao azul, sobre folhas de jornal, às vezes parcialmente visível, o texto impresso é incorporado ao trabalho, em meio ao gestualismo das imagens abstratas.

Diversos problemas que o artista precisou enfrentar ao longo do tempo e que, se levada em conta a montagem, uma instalação em que as placas de vidro permitem visões fragmentadas – eclipsadas – de todas as obras ao mesmo tempo, dão uma ideia de quantidade de informações contidas na mostra.

Mário vem de uma individual anterior em que o problema da superficialidade da pintura era o foco principal. Representações de texturas epidérmicas, as imagens enfatizavam a pintura como película aplicada ao suporte. Há uma continuidade entre uma e outra exposições, naturalmente quanto ao problema da superficialidade e, ainda, do esquema cromático, que Mário trouxe para trabalhos recentes. Mas ele não parou por ai e foi adiante, refletindo sobre os demais elementos que integram sua pintura atual. Ainda é pintura – a saída para suportes tridimensionais já é conhecida e não acrescentaria muito – mas em uma situação bem menos convencional, tentando uma solução nova para alguns dos problemas recorrentes na arte moderna.

Reynaldo Roels Jr.